

ENTREVISTA E HOMENAGEM¹



Elisabeth Lukas nasceu em 12 de novembro de 1942, em Viena. Estudou psicologia na Universidade de Viena, quando foi aluna de Viktor Frankl. Em 1972 obteve o doutorado em Psicologia Clínica na Universidade de Viena; foi diretora do "Instituto Sul-Alemão de Logoterapia" em Fuerstenfeldbruck e docente na Universidade Ludwig-Maximilian, em Munique. Em 1991 foi agraciada com a Medalha de Honra da Santa Clara University por "Contribuições Destacadas na Psicologia de Aconselhamento à Comunidade Mundial". Em 2001 recebeu do Viktor Frankl Institut, em Viena, o prêmio Viktor Frankl por sua contribuição valerosa para a Logoterapia e Análise Existencial. É autora de mais de 30 livros que foram traduzidos em 12 línguas e foi professora convidada em 50 universidades na Alemanha e no exterior.

ENTREVISTA

Elisabeth Lukas. Estimados Participantes do Congresso de Logoterapia, envio-lhes cordiais saudações de Viena, cidade natal de Viktor E. Frankl. Por intermédio de minha aluna, Alexandra Gur, recebi algumas perguntas às quais lhes respondo com prazer.

ABLAE: Como Viktor Frankl avaliaria as crises sucessivamente crescentes em nosso mundo? A Sra. acredita que estamos nos aproximando da utopia frankliana do "monotropismo", ou, ao contrário, estamos nos afastando dele cada vez mais?

Elisabeth Lukas: Acredito que Frankl manteria seu "otimismo trágico". "Trágico" significa que ele não se entregaria a ilusões, não usaria "lentes cor de rosa". Porém, ele tampouco tingiria de preto as lentes de seus óculos. E "otimismo" quer dizer que ele estaria convicto da existência de inúmeras tarefas com sentido em nosso mundo. Conforme a definição, o sentido sempre representa uma possibilidade no pano de fundo da realidade, ou seja, a possibilidade de mudar positivamente essa realidade. As crises em nosso mundo atual simplesmente fazem parte do "cenário da realidade". Frankl estaria prioritariamente interessado nas possibilidades ilimitadas que existem e que ficam ao alcance também do homem atual, para amenizar as crises e promover a paz. E cada indivíduo em seu lugar realizando esses propósitos. Se um número suficiente de

indivíduos, cada um por si, agisse com sentido, nosso mundo imediatamente estaria bem melhor.

Quanto à questão do “monantropismo”: Frankl acreditaria (e eu também acredito nisso) que estamos nos aproximando dele, “dolorosamente”, pois os povos precisam se aproximar e se unir reciprocamente diante de ameaças globais, tendo em vista que, pela crescente vivência em rede, as pessoas estão percebendo cada vez mais semelhanças entre si. A esse respeito, a esperança está nos ombros dos jovens, os quais têm mais disposição para superar as diferenças, estabelecer contatos e exercer tolerância diante de culturas, costumes e opiniões divergentes. Adoram viajar e têm curiosidade em conhecer o “diferente”. De modo geral, aumenta a consciência de que todos nós somos habitantes deste planeta com recursos limitados, e que, por assim dizer, estamos todos num único barco navegando em mar revolto.

ABLAE: Em sua opinião, como se manifesta hoje o vazio existencial? E o que a Logoterapia tem a oferecer a esse respeito?

Elisabeth Lukas: O vazio existencial se esconde atrás de inúmeros problemas e crueldades desnecessários. Sempre que as pessoas não encontram o sentido, ou não o reconhecem, buscam por substitutos de sentido. São exemplos de tais “sentidos compensatórios”:

- Sentido = divertir-se, vivenciar o máximo de prazer e diversão... o essencial é que se tenha uma vida agradável e prazerosa.
- Sentido = ganhar muito dinheiro, ter uma carreira meteórica (se for necessário, até às custas dos outros)... o essencial é ser competente, poderoso, conceituado, rico.
- Sentido = sobrepujar certos grupos diferenciados, impedindo seu desenvolvimento, aterrorizando-os, eliminando-os... o essencial é que se defenda à força seus próprios princípios e que se elimine o adversário.
- Sentido = não sofrer, de certo modo anestesiarse, refugiar-se na indiferença ou em mundos virtuais... o essencial é ter sossego e não ser obrigado a encarar situações adversas.

Tais “sentidos compensatórios” (e outros mais) proliferam no “vazio existencial”.

E o que a Logoterapia tem a oferecer a esse respeito? Esclarecimentos, estímulos de pensamento, perspectivas filosóficas sem igual, uma imagem antropológica com dignidade. A finalidade de intervenções e argumentações terapêuticas consiste em conectar a pessoa com a voz de sua consciência, abri-la de modo autotranscendente para o mundo; fazê-la compreender que ela constitui pessoa valiosa, sempre presente quando se necessita dela, e que algo importante espera por ela, que somente ela, exclusivamente ela, poderá e deverá realizar, a partir de uma visão superior.

ABLAE: Como a Sra. define a posição da Logoterapia na ciranda multicolorida das “escolas” psicoterapêuticas?

Elisabeth Lukas: Provavelmente a psicoterapia tradicional deverá perder sua utilidade dentro de poucas décadas. Graças às intensas pesquisas sobre funcionamento cerebral que estão em andamento atualmente, serão descobertas “pílulas da felicidade”, sem efeitos físicos colaterais, mas que darão estabilidade psíquica aos consumidores. Esses medicamentos eliminarão sentimentos de insegurança e de inferioridade, assim como os medos, garantindo um nível permanente de serenidade, estabilidade e satisfação. Não quero dizer com isso que esse tipo de ajuda seria desprezível. Porém, o que permanece são as penosas condições reais que cada um de nós terá que enfrentar. Para isso, as pessoas ainda precisarão de acompanhamento, apoio e ajuda para tomar decisões e ter critérios de ação. Parece que no futuro nossas condições de vida externas serão cada vez mais

complicadas, assim como os suportes tradicionais e morais se tornarão ainda mais frágeis. Encontrar seu estilo próprio, fiel à sua essência, e livre de intemperanças, exigirá, por assim dizer, uma habilidade artística para cujo desenvolvimento apenas as diretrizes eficientes da Logoterapia poderão oferecer sua contribuição. Por esse motivo, a Logoterapia se tornará imensamente relevante. Afinal, ela constitui a única “escola de vida” que se aventura a entrar na dimensão espiritual ou noética do homem, para além de processos psicofísicos, quando a sedação psicofísica não mais funciona porque se manifestam necessidades espirituais, que somente poderão ser solucionadas numa dimensão espiritual.

ABLAE: Que tipo de diálogo com as outras escolas de psicoterapia a Sra. recomenda? Será que os logoterapeutas deverão cooperar com elas, ou até fundir-se com elas?

Elisabeth Lukas: Sou contrária à toda hostilidade e qualquer tipo de mentalidade competitiva. Podemos sem receio partir do princípio de que quase todas as pessoas que escolhem uma profissão terapêutica, basicamente querem ajudar o próximo. E da mesma maneira que existem diferentes caminhos para Deus, também há diferentes caminhos para ajudar pessoas que precisam de assistência. Por isso, nenhum tipo de ajuda deve ser desvalorizado, a não ser que comprovadamente seja falso ou contraproducente. Porém, devemos também conservar nossos próprios pontos fortes. Antes de variar, criticar, nivelar ou combinar a Logoterapia com outros métodos, devemos conhecê-la muito bem. Pela minha experiência, o desejo de mesclar a Logoterapia com outras ideias e técnicas diminui rapidamente à medida que ocorre progressiva profissionalização dentro da Logoterapia original. Nos escritos de Frankl há uma tal profusão de sugestões genuínas para o psicoterapeuta que ele não terá necessidade de empréstimos de outras escolas de terapia enquanto ele não tiver esgotado essa abundância de material logoterapêutico.

ABLAE: Que demandas estão sendo feitas à Logoterapia no presente? Como ela deveria continuar se desenvolvendo?

Elisabeth Lukas: Frankl concebeu sua Logoterapia essencialmente entre 1930 e 1980. Sua maneira de se expressar, sua terminologia específica e seus exemplos se referem a essa época, enquanto que os conteúdos de sua teoria são atemporais. As próximas gerações de logoterapeutas precisam transpor esses conteúdos atemporais para uma linguagem atual e adaptá-los às estruturas sociais modernas. Nesse processo, nenhum aspecto valioso da teoria logoterápica deve ser perdido, mas a Logoterapia também não pode fracassar devido a formulações obsoletas e que caíram em desuso. Além disso, o genuinamente humano permanece igual em todas as épocas e estratos sociais. A busca da verdade, a questão do bem e do mal, o anseio por amor, a comoção diante do sofrimento, culpa e morte etc., são questões que nunca deixaram de ser “modernas”, elas perpassam toda história da humanidade. Desde o início, as respostas do “homo sapiens” a esses questionamentos provavelmente estavam sujeitas a oscilações e indecisões, porém, também os descendentes mais modernos da espécie “homem” precisam constantemente lutar por novas respostas a essas perguntas. Quanto a isso, a Logoterapia não precisa mudar seu desenvolvimento radicalmente, pois ela se dirige a pessoas contemporâneas que precisam encontrar respostas e assumir responsabilidades, seja antes ou depois da virada do milênio. De qualquer maneira, vai ser empolgante acompanhar como o legado de Frankl irá confirmar sua eficácia frutífera no século 21.

ABLAE: Como a Sra. explica as dissidências entre os institutos de formação logoterápica em todo mundo, e até na Áustria, o país de seu fundador?

Elisabeth Lukas: Todas as inovações autênticas geram cisões ao serem bem-sucedidas. Assim aconteceu nas ciências, mas também nas religiões. Constitui praticamente uma “marca de honra” quando surge

repentinamente algo tão comovente e perturbador que não pode ser apreendido em sua totalidade: uma pessoa agarra uma ponta do todo, e uma segunda pessoa outra ponta, e cada uma afirma ter se apoderado da ponta “verdadeira”. Isto não me preocupa. À medida que o tempo for passando, as cisões cessarão e a recordação da preciosidade do que unifica as diversidades criará um novo impulso para ação. Por exemplo, grupos cristãos os mais diversos, que há séculos se combatiam reciprocamente, hoje trabalham conjuntamente, em respeito mútuo. O germinar e crescer em diversidade é um princípio da evolução. Mas também constitui um princípio da evolução que, aquilo que não tem utilidade a longo prazo, se apague ou extinga. Permitamos então que os círculos logoterapêuticos mantenham uma certa variedade e confiemos que o que for melhor terá futuro e permanecerá.

ABLAE: Que conselhos daria aos logoterapeutas atualmente em atividade, e especialmente aos seus colegas brasileiros?

Elisabeth Lukas: A partir de depoimentos pessoais, sei que Dr. Frankl sempre se sentiu muito compreendido no espaço sul-americano, em parte até melhor do que na América do Norte ou Europa. Em muitas pessoas sul-americanas que encontrou, percebeu uma “sabedoria do coração” que o sensibilizou e que lhe parecia muito compatível com suas teses.

Quero recomendar: preservem essa sabedoria do coração! A sabedoria do coração não envolve apenas o intelecto, ou as emoções, mas constitui um amálgama maravilhoso de ambos, e nesta liga alcança as alturas do logos e do ethos.

Não podemos representar e difundir uma “doutrina do sentido” se nós não vivemos uma vida com sentido. Evidentemente, isto conseguimos apenas dentro de certos limites, o que não nos deve desencorajar. Podemos ter nossas fraquezas, conforme a situação podemos ficar decepcionados, tristes, desesperados..., porém nunca devemos desistir de “dizer sim à nossa vida” e “dizer sim à dignidade incondicional de nossos semelhantes”, independentemente de sua aparência. Nunca se esqueçam: a qualidade da Logoterapia não vai ser avaliada pelas suas palavras, mas pela sua própria vida vivida.

Desejo que todos adquiram conhecimentos sábios e tenham encontros valiosos neste Congresso! E que com isso tenham forças para retomar seu dia-a-dia com alegria e esperança para agir de forma abençoada no nosso mundo.

NOTA

1. Entrevista concedida para a ABLAE na ocasião do VIII Congresso Brasileiro de Logoterapia e Análise Existencial ocorrido nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 2016 na Universidade Federal do Maranhão (São Luís -MA). Tradução de Helga H. Reinhold.